

Trabalhos e estudos em tinturaria em finais do século XVIII: Os princípios colorantes e sua ação sobre os fios.

Márcia H.M. Ferraz¹ (PQ)
mhferraz@pucsp.br

¹Rua São Carlos do Pinhal, 485, ap. 21. 01333-001 São Paulo SP Brasil.

Palavras Chave: *História da Química, tinturaria, cochonilha*).

Introdução

Uma série de perguntas relativas ao tingimento de tecidos perseguia os estudiosos e artesãos desde muito tempo. As respostas a essas perguntas foram muitas e diferentes, dependendo do período e mesmo de quem respondia.

Para este trabalho foram escolhidas algumas poucas perguntas e as respostas dadas na segunda metade do século XVIII, período em a ciência da matéria passava por transformações que a levariam à chamada “Química Moderna”.

A primeira questão relaciona-se à composição do então denominado ‘princípio colorante’ e à origem da cor desse princípio impressa depois nos tecidos. A segunda, aos diferentes resultados obtidos no produto final, quando se utilizava a mesma matéria colorante e diversos tipos de tecidos.

Resultados e Discussão

Com a atenção voltada ao período delimitado, escolhemos como caso-estudo a cochonilha, tinta preparada a partir de um inseto com o mesmo nome que vive e se desenvolve nas palmas de certos cactos, abordando memórias – publicadas ou não – sobre a produção de tintas no Brasil e textos elaborados na França e na Inglaterra.

Os autores discutiam, por um lado, a maneira de isolar e identificar a matéria colorante, e, por outro, de onde proviria a cor vermelha intensa que se obtinha no uso dessa tinta. Alguns consideravam que a cor estava relacionada com o próprio vegetal onde os pequenos animais cresciam, sendo os de flores vermelhas os melhores.

Depois que os europeus conheceram a bela cor produzida pela cochonilha, os tintureiros buscaram utilizá-la no tingimento de lã, algodão, linho e seda, entre outros fios. No primeiro caso, ótimos resultados eram obtidos – cor brilhante e persistente – contrariamente aos outros. A explicação dada para isso baseava-se na diferenciação entre os reinos da natureza. Ou seja, uma tinta de origem animal (a cochonilha) tingia bem um fio de origem também animal (a lã), enquanto os fios de origem vegetal (algodão e linho) e de origem mista (seda) com uma

tinta de origem animal davam cores desbotadas que ‘largavam’ nas primeiras lavagens.

Interessados em utilizar a cochonilha, que possibilitava muitos tons de vermelho para tingir o fino tecido de seda, procurava-se uma saída ‘técnica’ auxiliada por explicações teóricas. Pensava-se que o processo deveria envolver a ‘animalização’ do fio de seda, facilitando assim a união com o corante animal. Avançado o século XVIII e já entrado no século XIX, mantêm-se a separação entre os reinos e buscam-se explicações utilizando as idéias da química moderna em termos de composição – ou seja, em termos da presença mais acentuada de alguns elementos químicos – dos materiais para tratar as diferenças. O que não significa a solução das questões acima expostas.

Conclusões

Por trás das discussões sobre os princípios colorantes e sua utilização na tinturaria, estava, por um lado, a idéia de que os materiais apresentavam qualidades características do reino a que pertenciam sendo facilitada a interação entre materiais do mesmo reino. Por outro, o debate sobre a possibilidade de ‘transito’ da matéria entre os diferentes reinos da natureza.

Agradecimentos

Esta pesquisa está ligada a um projeto mais amplo desenvolvido junto ao CESIMA/PUCSP, sob a coordenação da Profa. Dra. A. M. Alfonso-Goldfarb. FAPESP

Bancroft, E. *Experimental researches concerning the philosophy of permanent colours : and the best means of producing them, by dying, callico printing*. Vol. 1. Londres, T. Cadell, Jun. & W. Davies, 1794.
Berthollet, C.L. *Éléments de l’art de la teinture*. Paris, Firmin Didot, 1791.

Sociedade Brasileira de Química (SBQ)

Ferreira, J.H. "Dissertação sobre a coxonilha; História de seu descobrimento na América". Academia das Ciências de Lisboa, Ms 1030.

Quintão, J.J.S. "Memória sobre a cochonilha e o methodo de a propagar". *O Patriota*, 4 (2ª. subscrição, 1813): 11-19.